

ABOBRINHA	2
SOJA	3
TRIGO	3
BOVINOS	4
MEL	5

O 17º Boletim conjuntural de 2026 apresenta um panorama abrangente do agronegócio paranaense, explorando a dinâmica entre o abastecimento voltado ao mercado interno e a competitividade do Paraná nas cadeias globais de exportação.

Iniciamos esta análise pela cultura da abobrinha, que ilustra a força da olericultura na economia regional. Com produção disseminada pelo estado e concentrada no Núcleo Regional de Curitiba — notadamente no Vale do Ribeira —, a atividade apresenta uma dinâmica de preços altamente sensível às condições climáticas. A recente elevação das cotações nas unidades da Ceasa/PR, impulsionada pela estiagem persistente, reforça como fatores ambientais ditam o ritmo da oferta e da renda bruta desta cucurbitácea no cenário local.

A partir desse olhar sobre a produção interna, a análise expande-se para os desdobramentos das exportações paranaenses, que enfrentam, neste primeiro trimestre de 2026, um cenário de desafios e ajustes. O complexo soja mantém seu protagonismo apresentando um crescimento em receita, apesar de leves variações no volume exportado, enquanto o trigo reforça sua prioridade no mercado interno, onde a produção local segue sendo absorvida quase que integralmente pela demanda industrial.

Em contrapartida, os setores de carne bovina e mel exemplificam a volatilidade do comércio exterior. Enquanto a proteína bovina registra volumes recordes e valorização, o setor apícola atravessa um período de incertezas, condicionado por mudanças tarifárias nos Estados Unidos e pelos riscos geopolíticos globais que impactam os custos logísticos. Este boletim detalha, portanto, como o Paraná equilibra o atendimento às demandas do consumidor brasileiro em meio aos complexos fluxos do comércio global.

Boa Leitura!

ABOBRINHA

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

O remoto Censo Agropecuário 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, que aferiu dados nacionais da produção da abobrinha, indicou que a atividade rendeu um Valor Bruto da Produção/VBP de R\$ 133,3 milhões para uma colheita de 158,5 mil toneladas (t), distribuídos em 34,8 mil estabelecimentos rurais. Numa publicação do setor hortícola, pesquisadores afirmam uma produção mais recente de 228,5 mil t levantada pelo IBGE sem precisar o ano.

Nos dados oficiais e disponibilizados pelo IBGE, a cultura está distribuída nas 27 unidades da federação, estando as colheitas concentradas por ordem de importância em São Paulo (31,4%), Minas Gerais (19,0%) e Rio Grande do Sul (14,1%), responsáveis por 64,5% das quantidades colhidas da atividade. O Paraná figurou à época como o quarto partícipe numa escala nacional, com 9,3% das retiradas de abobrinhas dos cultivos do país, cujos 4,5 mil estabelecimentos rurais extraíram 14,8 mil t gerando receitas brutas de R\$ 13,6 milhões.

Na perspectiva estadual, em 2024 as informações coletadas por este

Departamento demonstram que a abobrinha verde esteve presente em 358 municípios do estado (89,7%), dos 399 totais, movimentando um VBP de R\$ 101,6 milhões, para um volume de 50,5 mil t colhidas em 2,9 mil ha.

O Núcleo Regional de Curitiba (NR) responde por 56,2% das quantias colhidas (28,4 mil t) e do VBP (R\$ 57,2 milhões), secundado por Londrina, com 6,9%, e Maringá, com 6,2% dos mesmos índices. A atividade está presente em menor dimensão em outros 20 NRs.

Em Cerro Azul/NR Curitiba - Vale do Ribeira os cultivos em 250 hectares proporcionaram uma colheita de 4,8 mil t e R\$ 9,5 milhões de VBP, representando 8,6% da área e 9,4% dos volumes e da renda bruta. São José dos Pinhais e Colombo, ambos também no NR Curitiba, em sequência, participam com 8,4% e 7,5% dos volumes e VBP respectivamente, somando-se aos demais 355 municípios que em graus decrescentes exploram a cultura.

Este DERAL não coleta sistematicamente os preços recebidos pelos agricultores e os praticados no varejo desta cucurbitácea, assim a referência disponível são as CEASAs/PR (Centrais de Abastecimento do Paraná), que no atacado do entreposto Curitiba teve a Abobrinha

Boletim Conjuntural Semana 17/2026 – 23 de abril de 2026

Verde Extra AA nesta semana corrente uma cotação de R\$ 80,00/cx20kg (R\$ 4,00/kg), na semana anterior e no mesmo período do mês passado os valores foram de R\$ 60,00/cx20kg (R\$ 3,00/kg), representando um aumento de 33,3%, ocasionado pelo período de estiagem persistente nas localidades produtoras.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

No primeiro trimestre de 2026, o Paraná exportou 3,41 milhões de toneladas do complexo soja. Esse volume é ligeiramente inferior ao registrado no mesmo período de 2025, representando uma retração de 4% no volume físico. Por outro lado, o montante financeiro cresceu 2%, totalizando 1,47 bilhão de dólares.

O principal item exportado é a soja em grão, que responde por 71% do total. Em seguida, aparecem o farelo de soja, com participação de 24%, e o óleo de soja, com 5%.

A China se mantém como o principal destino da soja paranaense, concentrando 58% das compras, enquanto o Irã ocupa a segunda posição, com 6% de participação. Nos três primeiros meses de 2026, o Paraná

exportou volumes relevantes para 22 países.

No cenário nacional, as exportações do complexo soja somaram 36,19 milhões de toneladas no período, um aumento de 8% em relação ao mesmo intervalo do ano anterior. O montante financeiro atingiu 13,61 bilhões de dólares, registrando alta de 12%.

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O Paraná voltou a atender quase que exclusivamente o mercado interno na última safra de trigo. Os tricultores paranaenses obtiveram 2,87 milhões de toneladas em 2025. Destas, apenas 4 toneladas foram vendidas para outros países, considerando o período de agosto de 2025 até o presente momento. Esse pequeno volume foi escoado para o Equador em dezembro e, desde então, não houve mais registros de embarques de trigo paranaense para outros países. Levando em conta que o primeiro trimestre é o principal momento dos embarques do cereal, a tendência é continuarmos sem embarques relevantes até o início da colheita neste ano, em agosto.

Boletim Conjuntural Semana 17/2026 – 23 de abril de 2026

Entre 2022 e 2024, os volumes exportados somaram mais de 800 mil toneladas, contrastando com o período entre 2017 e 2021, quando as exportações paranaenses não totalizaram sequer 10 mil toneladas. Contribuíram para essa diferença dois fatores principais: a qualidade do produto colhido e os preços. Nos anos de retomada das exportações, as características do trigo paranaense ficaram aquém do exigido pelos moinhos nacionais, o que, junto a preços mais remuneradores no mercado internacional, favoreceu o escoamento do produto para mercados menos exigentes. Entre 2017 e 2021, por outro lado, safras menores e com uma proporção maior de trigos de boa qualidade, assim como um patamar de preços inferior ao estabelecido pela guerra na Ucrânia posteriormente, foram decisivos para que a produção paranaense fosse majoritariamente absorvida pelos moinhos brasileiros.

Essa tendência de manutenção do trigo no mercado interno deve se verificar também neste ano, para a safra de 2026, tendo em vista a diminuta área plantada no estado. O único fator que poderia fazer com que parte relevante do cereal produzido no Paraná fosse exportado seria a perda de qualidade por geadas ou chuvas na colheita.

Porém, em função da crescente demanda de trigo para processamento pelas indústrias, especialmente as paranaenses, o mais provável é que a produção local seja totalmente absorvida novamente.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

As exportações brasileiras de carne bovina atingiram o maior volume da série histórica para o mês de março. Com 265 mil toneladas comercializadas no mercado externo, o país superou em aproximadamente 8,5% o total registrado no mesmo mês de 2025. O preço por quilo também subiu: foram pagos em média US\$ 5,54 por quilo da proteína, ante os US\$4,76 registrados em 2025. A carne brasileira continua alimentando principalmente a China, destino final de aproximadamente 38,5% do volume comercializado.

O Paraná contribuiu para este total com um volume modesto: foram 3,6 mil toneladas registradas no mês passado, gerando um total de US\$ 20,3 milhões, um crescimento discreto em volume quando comparado ao mesmo período do ano passado (3,4 mil toneladas).

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

No primeiro trimestre de 2026, de acordo com dados fornecidos pela Agrostat Brasil, as exportações brasileiras de mel “in natura” atingiram um total de 4.562 toneladas, representando uma retração de significativa de 49,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, quando foram exportadas 9.040 toneladas.

Em termos de receita, o faturamento em dólares alcançou US\$ 15,839 milhões, refletindo uma queda de 43,7% em comparação com o primeiro trimestre de 2025, que registrou US\$ 28,158 milhões em receita de exportação de mel. O preço médio nacional do mel no período em questão foi de US\$ 3.471,99 por tonelada (ou US\$ 3,47 por quilo), denotando uma alta de 11,5% em relação ao valor médio observado no mesmo período do ano anterior, que foi de US\$ 3.114,84 por tonelada (ou US\$ 3,11 por quilo).

No contexto das exportações estaduais, o Paraná coloca-se na segunda posição no ranking, acumulando uma receita cambial de US\$ 2,739 milhões, com um volume de 804 toneladas e um preço médio de US\$ 3,41 por quilo. Em

comparação com o ano anterior, houve uma queda significativa tanto em volume (-48,5%) quanto em receita (-45,2%).

O estado de Minas Gerais liderou as exportações de mel no período em análise, com um total de US\$ 5,755 milhões em receita, oriunda da exportação de 1.616 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,56 por quilo. Santa Catarina ocupou a terceira posição, registrando US\$ 1,922 milhão em receita, provenientes da exportação de 560 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,43 por quilo. Em quarto e quinto lugares do ranking nacional da exportação de mel, encontram-se os estados de Piauí (398 toneladas e US\$ 1,310 milhão) e Bahia (304 toneladas e US\$ 1,060 milhão), respectivamente. Em termos de desempenho, assim aparecem os principais estados produtores e exportadores de mel (volume): Minas Gerais (-30,7%), Paraná (-48,5%), Piauí (-70,7%), Santa Catarina (-47,9%) e Bahia (-16,2%).

O destino primário das exportações brasileiras de mel no primeiro trimestre de 2026 continuou sendo os Estados Unidos da América (EUA), absorvendo 58,2% do volume total exportado (4.562 toneladas), equivalente a 2.655 toneladas, gerando uma receita cambial de US\$ 9,139 milhões, com

Boletim Conjuntural Semana 17/2026 – 23 de abril de 2026

um preço médio de US\$ 3,44 por quilo. Em igual período do ano anterior, os EUA importaram e gastaram muito mais: 7.817 toneladas e US\$ 24,238 milhões.

Os outros principais destinos do mel brasileiro foram: Canadá (950 toneladas e US\$ 3,314 milhões), Alemanha (388 toneladas e US\$ 1,503 milhões), Reino Unido (286 toneladas e US\$ 981.941), Filipinas (116 toneladas e US\$ 417.014) e Polônia (124 toneladas e US\$ 292.384).

Sobre exportação para os EUA, o principal comprador do mel brasileiro, vale lembrar que em 20 de fevereiro de 2026, decisão da Suprema Corte daquele país derrubou o tarifaço de 50%, as chamadas tarifas recíprocas. Com essa medida, produtos do setor agropecuário como pescados, mel, uva, tabaco e café solúvel deixaram a alíquota de 50% para retornar à tarifa geral, que oscila entre 10% e 15%. Contudo, os dados de março de 2026 revelam que os efeitos desse protecionismo ainda são uma realidade amarga no curto prazo.

No primeiro trimestre de 2026, as exportações para os EUA sofreram uma retração de 66% no volume embarcado e de 62,3% na receita cambial em relação ao ano anterior. Um reflexo positivo, no entanto, foi

o crescimento de 11% no valor da tonelada do mel, que saltou de US\$ 3.100,71 (2025) para US\$ 3.442,02 (2026).

Esse alívio tarifário, somado à valorização do produto, abre uma perspectiva otimista para a recuperação das margens brasileiras ao longo do ano.

Apesar do otimismo futuro, os números de março ainda mostram a inércia do impacto negativo. No mês citado, os EUA importaram 884 toneladas de mel (US\$ 2,934 milhões), uma queda drástica diante das 3.298 toneladas (US\$ 10,343 milhões) de março de 2025. Em termos percentuais, a performance foi negativa em volume (-73,2%) e receita (-71,6%), embora o custo médio da tonelada tenha subido 5,8%.

Resta agora observar se essa tendência de recuperação se confirmará. O principal fator de incerteza reside no cenário geopolítico: um eventual agravamento do conflito envolvendo EUA, Israel e Irã pode comprometer as projeções, elevando custos operacionais críticos, como seguros, fretes e combustíveis.